

Indicadores sociais do Rio evoluem, diz pesquisa da FGV

Estudo considera três ciclos e revela impacto positivo dos Jogos; a renda domiciliar média atual é de R\$ 2,8 mil

Pablo Pereira

Os Jogos Olímpicos não mudaram somente alguns pontos da paisagem carioca, como o centro histórico do Rio e a Barra, vitrines mais badaladas da temporada esportiva na cidade. Uma pesquisa da Fundação Getúlio Vargas, que analisou 38 indicadores sociais do Rio e comparou 24 deles com a realidade de municípios vizinhos, na Grande Rio, mostra que o impacto do evento coincide com uma melhora em pelo menos 18 indicadores sociais na cidade.

Os dados mostram melhoras em educação, habitação, transportes e renda dos cariocas. “A Olimpíada deu um combustível a mais para o Rio”, diz Marcelo Neri, diretor da FGV Social, coordenador da pesquisa Evolução Social Carioca 2009-2016, o Legado Pré-Olímpico.

O estudo usa dados das pesquisas domiciliares (PNAD/IBGE) de antes do anúncio dos Jogos no Rio (1992) com indicadores do ano do anúncio (2008) e também com a situação de agora, véspera da competição. As informações de renda são as mais atualizadas; chegam até o primeiro trimestre do ano – a renda domiciliar per capita em 1992 era de R\$ 2.012,60, subiu em 2008 para R\$ 2.537,80 e agora está em R\$ 2.852,50.

Documento que acompanha o relatório do estudo da FGV

Social diz que “entre 2008 e 2016, a renda per capita cresceu 30,3% no município, contra 18,2% no resto da Grande Rio”. E mostra que “dois terços do crescimento ocorreu nos últimos três anos”, quando o País começou a sofrer impactos da crise econômica nacional.

Neri ressalta que, das 27 capitais e 9 periferias brasileiras, o Rio é a cidade na qual a renda individual mais cresceu desde 2013. “No Brasil, a renda cai neste período, com redução de 4,8% nos últimos 12 meses”, lembrou. Olhando para os números nas linhas de “Pobreza” do estudo, a diferença é significativa. Em 1992, o percentual de pobreza na cidade era de 2,52 da população vivendo com até US\$ 1,25 por dia. Em 2008, esse número ficou em 2,13% e despencou agora para 0,87% da população.

“Vamos aprofundar o estudo para mostrar, até 1970, a evolução das mudanças no Rio”, disse o diretor. Segundo ele, é possível ver que houve uma inversão nas linhas de indicadores sociais na cidade formando um “V”. A linha que mostrava um Rio na descendente agora aparece em alta. “Aquele Rio decadente, de 40 anos atrás, está subindo a ladeira”, disse. “Um dos méritos do estudo é abrir os dados de pesquisas domiciliares, dados objetivos, também por regiões.”

A pesquisa compara os indicadores em 7 áreas: desenvolvimento social, trabalho, educação, inclusão digital, transporte, habitação e serviços públicos. No quesito serviços públicos, que incluem água encanada, coleta de lixo, energia e esgotos, aparecem indicadores positivos como de “casa própria com banheiro”. No saneamento estão os principais pontos negativos. Em esgoto, os dados mostram melhora na rede entre 1992, quando apresentava cobertura de 74,93%, para 85,02%, em 2008, e 93,64 (2014).

